

MENSAGEM

1 “Bendito Deus Nosso Senhor Que Nos Deu O Sinal”. A epígrafe que antecede o texto da *Mensagem* — proveniente do ritual rosa-cruz — sintetiza eficazmente o conteúdo do livro, no qual o poeta se preocupa em interpretar os sinais divinos em que se inscreve a grandeza da pátria. Adrien Roig associa especialmente a epígrafe ao Brasão português, recorrendo ao lendário milagre de Ourique: segundo essa lenda, antes da batalha com os Muçulmanos, Cristo teria aparecido a D. Afonso Henriques, concedendo-lhe as suas cinco chagas como armas do Reino de Portugal

(cf. Adrien Roig, “*Mensagem: heráldica e poesia*”, in Fernando Pessoa, *Mensagem. Poemas esotéricos*, pp. 282-285). Sem menosprezar essa interpretação restritiva — que tem uma relativa coerência —, acreditamos que o alcance da epígrafe latina se estende a todos os sinais divinos que o poeta vai detectando ao longo do seu livro (o próprio Roig acaba implicitamente por reconhecê-lo): a epígrafe não se encontra integrada em nenhuma das três partes da *Mensagem*, pelo que não pode relacionar-se preferentemente com nenhuma delas.

*BENEDICTUS DOMINUS DEUS
NOSTER QUI DEDIT NOBIS
SIGNUM.¹*

PRIMEIRA PARTE

BRASÃO

2 “A guerra sem a guerra”. Fazendo associar ao Brasão português um conjunto de personagens lendárias e históricas que considera pilares da nacionalidade e prescindindo de qualquer opção narrativa, o poeta

estrutura esta primeira parte do seu livro como “uma epopeia estática”, para adotar a expressão feliz de Gilberto Kujawski (cf. Gilberto de M. Kujawski, *Fernando Pessoa, o Outro*, p. 32).

*BELLUM SINE BELLO.*²

I.
OS CAMPOS

3 Embora Pessoa os anteponha às Quinas (lendariamente concedidas por Cristo ao primeiro rei de Portugal, mas provavelmente só integradas no Brasão por D. Sancho I), os Castelos foram adicionados ao Brasão português apenas durante o reinado de D. Afonso III. O seu número definitivo (sete) só se fixou no século XVI.

4 Note-se o desenho do mapa europeu, mas também algumas semelhanças com a esfinge egípcia, monstro fabuloso com rosto humano e corpo de leão, que devorava quem não conseguisse decifrar os enigmas que ela propunha.

5 O adjetivo *fatal* só pode aqui ser entendido no seu sentido etimológico. O destino do mundo, que o poeta procurará ajudar a desvelar ao longo do seu livro, está previamente traçado. O adjetivo esfíngico

conota o mistério que o futuro comporta. 6 Pessoa não pode ter deixado de conhecer o seguinte soneto de Unamuno, publicado n' *A Águia*, em Fevereiro de 1911, e intitulado Portugal: "Del atlántico mar en las orillas / desgreñada y descalza una matrona / se sienta al pie de sierra que corona / triste pinar. Apoya en las rodillas // los codos y en las manos las mejillas / y clava ansiosos ojos de leona / en la puesta del sol; el mar entona / su trágico cantar de maravillas. // Dice de luengas tierras y de azares / mientras ella sus pies en las espumas / bañando sueña en el fatal imperio // que se le hundió en los tenebrosos mares, / y mira cómo entre agoreras brumas / se alza Don Sebastián, rey del misterio". O poema foi, ainda em 1911, integrado na colectânea poética *Rosario de sonetos líricos*.

PRIMEIRO

O DOS CASTELLOS³

A Europa jaz, posta nos cotovelos:
De Oriente a Ocidente jaz, fitando,
E toldam-lhe românticos cabelos
Olhos gregos, lembrando.

O cotovelo esquerdo é recuado;
O direito é em ângulo disposto.
Aquele diz Itália onde é pousado;
Este diz Inglaterra onde, afastado,
A mão sustenta, em que se apoia o rosto.⁴

Fita, com olhar esfíngico e fatal,⁵
O Ocidente, futuro do passado.

O rosto com que fita é Portugal.⁶

8-12-1928